

---

## Sociodemographic and behavioral factors influencing adherence to the HPV vaccine: An integrative review

### Fatores sociodemográficos e comportamentais que influenciam na adesão à vacina contra o HPV: Uma revisão integrativa

Received: 2023-05-10 | Accepted: 2023-06-01 | Published: 2023-06-14

---

#### **Maria Laura Tenório Lessa**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8710-1572>  
Centro Universitário Tiradentes Afya, Brasil  
E-mail: lauralessa97@gmail.com

#### **Pedro Henrique Padilha da Cunha**

<https://orcid.org/0000-0002-3990-2373>  
Centro Universitário Tiradentes Afya, Brasil  
E-mail: phpadilha@hotmail.com

#### **Celiany Rocha Appelt**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1771-7947>  
Centro Universitário Tiradentes Afya, Brasil  
E-mail: celiiany@gmail.com

#### **Thília Pontes de Oliveira Soares**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5704-9921>  
Centro Universitário Tiradentes Afya, Brasil  
E-mail: thiliapsoares@gmail.com

#### **Roberta Araújo Luzes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>  
Faculdade de Ciências Médicas da Parafba, Brasil  
E-mail: robertaaluzes@gmail.com

#### **Paula Rafaela Nunes do Carmo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3938-4665>  
Centro Universitário Tiradentes Afya, Brasil  
E-mail: paula.rafaela.nunes@hotmail.com

#### **Bianca Coelho Amorim Carvalho de Santana**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9139-9322>  
Centro Universitário Tiradentes Afya, Brasil  
E-mail: bianca.cacs@hotmail.com

#### **Mariana Chagas da Cruz Correia**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4335-8769>  
Centro Universitário Tiradentes Afya, Brasil  
E-mail: marianachagasc@outlook.com

#### **Linda Concita Nunes Araujo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2834-0336>  
Universidade Federal da Bahia, Brasil  
E-mail: lindaconcita@hotmail.com

#### **Lusitânia Maria de Barros**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6483-2832>  
Centro Universitário Tiradentes Afya, Brasil  
E-mail: lusitania.barros@unit.afya.com.br

### ABSTRACT

The study aimed to correlate factors influencing the adherence and prevalence of vaccination against HPV. This is an integrative review using the SciELO and PubMed platforms as a data source. 15 articles that answered the research question were selected. Studies point out that female gender, younger age within the target audience and adequate level of knowledge are predictors of greater adherence to vaccination, on the other hand, urban centers with a larger population and greater income inequality showed less acceptance. It can be said that numerous environmental and sociodemographic factors directly interfere with the vaccination of adolescents against HPV.

**Keywords:** Papilloma Virus Vaccine; Adolescent; Brazil.

---

### RESUMO

O estudo teve como objetivo correlacionar fatores influenciadores na adesão e prevalência da vacinação contra o HPV. Trata-se de uma revisão integrativa utilizando como fonte de dados as plataformas SciELO e PubMed. Foram selecionados 15 artigos que respondiam a pergunta de pesquisa. Os estudos apontam o sexo feminino, idade mais baixas dentro do público-alvo e adequado nível de conhecimento são preditores de maior adesão à vacinação, em contrapartida, centros urbanos com maior população e com maior desigualdade de renda demonstraram menor aceitação. Pode-se afirmar que inúmeros fatores ambientais e sociodemográficos interferem diretamente na vacinação de adolescentes contra o HPV.

**Palavras-chave:** Vacina do Papiloma Vírus; Adolescente; Brasil.

---

### INTRODUÇÃO

O Papiloma Vírus Humano (HPV) é um vírus que infecta pele e mucosa, tem como característica a predileção pela mucosa oral, vaginal e anal, bem como pode apresentar potencial cancerígeno (BRASIL, 2022). Diante do risco que a infecção pelo vírus apresenta, no ano de 2014 foi instituída a implementação do imunizante no Brasil no Programa Nacional de Imunização (PNI) e vem se estabelecendo de forma escalonada desde então, proporcionando, hoje, a cobertura de pessoas entre 9 e 14 anos de idade (BRASIL, 2022). A vacina é distribuída em 2 doses com um intervalo de 180 dias, fornecendo a proteção contra os tipos virais 6, 11, 16 e 18 (COLPANI et al., 2020).

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), em 2022 foram estimados mais de 16.000 novos casos de câncer de colo de útero no Brasil, dados que corroboram com a importância da imunização do público feminino. Entretanto, em 2017, 7,1 milhões de meninas receberam o esquema vacinal completo de duas doses recomendado pelo Ministério da Saúde, o que corresponde a 47% do público-alvo (BRASIL, 2018).

De acordo com a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia, cerca de 80% da população sexualmente ativa entrou ou entrará em contato com HPV durante a

vida. Nesse contexto, vê-se que os adolescentes são um grupo de alta vulnerabilidade, destacando o fato de que a adesão à vacina ainda se mantém insuficiente, principalmente no que tange a descontinuidade da vacinação (MOURA; CODEÇO; LUZ, 2021).

Diante disso, estudos apontam alguns fatores que estão associados a baixa adesão ao imunizante, como a falta de informação, o qual gera medo da vacina, o sexo e idade, somado a fatores sociais, como baixa escolaridade e renda econômica (GOMES et al., 2020). Outro fator determinante é a falta de disposição dos pais/responsáveis em vacinar seus dependentes, seja por desinformação que gera insegurança, ou indisponibilidade de levar até o ponto de vacinação (MOURA; CODEÇO; LUZ, 2021).

Destaca-se a importância da intervenção educativa como recurso promotor de saúde, uma vez que é fato que o conhecimento está entrelaçado com a taxa de adesão à vacina (MOURA; CODEÇO; LUZ, 2021). É evidente que esse tipo de intervenção favorece a atuação do adolescente como agente ativo do cuidado, além disso, a relação dos profissionais de saúde com a população-alvo, mediada por cartões de mensagens, que são estratégias simples e de fácil execução, possibilita a promoção de conhecimentos e atitudes em relação a comportamentos saudáveis (FERREIRA *et al.*, 2022)

Reunir a literatura e definir as variáveis que determinam tais fatos se mostra uma crítica válida e necessária para futuros projetos de intervenção, bem como o fortalecimento de políticas públicas que incentivem o adolescente como protagonista de sua própria saúde para que eles propaguem as informações e tomem a decisão junto aos seus pais de aderir a vacinação. Dessa forma, o artigo tem como objetivo correlacionar fatores influenciadores na adesão e prevalência da vacinação contra o HPV.

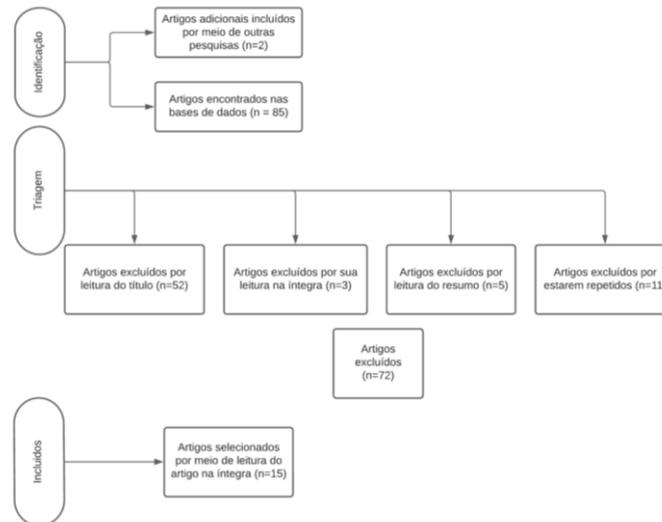
## METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa, que, segundo Gil (2022), é uma pesquisa elaborada com base em material já publicado e tem como principal vantagem a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla. Diante disso propõe uma análise sobre o conhecimento já construído e possibilita a síntese dos mesmos, permitindo a geração de novos conhecimentos, pautados nos resultados apresentados pelas pesquisas anteriores (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; BENEFIELD, 2003; POLIT; BECK, 2006).

A coleta de dados foi realizada durante os meses de fevereiro à abril de 2023, sendo a estratégia de busca realizada nos idiomas português, espanhol e inglês, com o objetivo de responder a seguinte pergunta: “Quais os fatores sócio-demográficos e comportamentais que influenciam na adesão à vacina contra o HPV com base na literatura científica?”. Desse modo, foi realizada busca por artigos originais produzidos no período entre 2016 e 2023, nas bases de dados Pubmed e Scielo. A estratégia de busca utilizada foi (Papillomavirus vaccines OR

Papillomavirus Vaccine) AND (Adolescent OR Teenage) AND (Brazil), construída a partir de descritores disponíveis na terminologia Descritores em Ciências da Saúde (DECS) e articulados pelos operadores booleanos AND e OR.

**Fluxograma 01** - Etapas para seleção dos artigos



**Fonte:** Dados da Pesquisa, 2023.

O fluxograma (figura 1) descreve as etapas da seleção dos artigos, sendo estes primeiramente selecionando pelo título, apenas trabalhos que não incluíam artigos de revisão, relatos de caso, relatos de experiência ou outros estudos não quantitativos, que não poderiam ser incluídos em uma revisão integrativa. Feita essa primeira triagem, foram selecionados por meio da leitura de resumo, aqueles que não explicitaram no título qual era o tipo de trabalho proposto, mas que respondiam à pergunta norteadora e se enquadram no tipo de estudo. Posteriormente, por intermédio da leitura dos artigos na íntegra, foram selecionados 15 artigos. Também foi realizada pesquisa por via de listas de citações e referências bibliográficas, pertinentes ao objetivo do estudo.

Como critério de inclusão, foram selecionadas publicações entre os anos de 2016 e 2023, levando em consideração uma margem de pelo menos 02 anos de vacinação no Brasil, aqueles com texto completo disponível e que abordavam a temática proposta para essa pesquisa. Sendo os critérios de exclusão artigos disponibilizados apenas na forma de resumo, manuais, protocolos e notas técnicas.

## RESULTADOS

Acerca das variáveis delimitadas nos estudos, as que se destacam são o sexo, idade, nível de conhecimento e atitude. Os estudos que incluíram os pais ou responsáveis representam 33,3% do total das publicações selecionadas, e aqueles que foram desenvolvidos em escolas representam 40%.

Os artigos selecionados foram lidos e as informações extraídas e organizadas mediante as variáveis: autor/ano, tipo de estudo, método e principais resultados, dispostas no Quadro 01. As informações extraídas foram analisadas, discutindo os resultados pertinentes ao objetivo deste estudo.

**Quadro 01** – Detalhamento dos artigos selecionados

Nº	AUTOR (ANO)	TIPO DE ESTUDO	MÉTODOS	PRINCIPAIS RESULTADOS
1	SILVA, I. <i>et al.</i> (2022)	Estudo transversal	Foi aplicado um questionário para adolescentes de 13 a 17 anos matriculados do 7º ano ao 3º ano do ensino médio de escolas particulares e públicas e a coleta de dados foi através da PeNSE 2019 que foi realizada pela rede de coleta do IBGE.	No estudo 62,9% declararam que foram vacinados contra o HPV. Meninas foram mais imunizadas que meninos 76,1% e 49,1% respectivamente. A proporção de vacinados na escola pública e particular são equivalentes. 46,8% responderam que “não sabia que tinha que tomar”, 26,7% disseram “outro motivo” e 7,7% disseram ter “medo de reação à vacina”.
2	SANTOS, M.A. <i>et al.</i> (2021)	Estudo transversal	Trata-se de um estudo associativo entre variáveis dependentes de conhecimento do PNI e variáveis independentes contextuais. Foi utilizado o PeNSE (2015) já descrito no artigo. Sendo classificado por meio de estratos geográficos (utilizando capitais estaduais e municípios representantes dos estados) totalizando 53 estratos. Nestes, foram selecionadas amostras calculadas visando fornecer estimativas fidedignas (IC95%). Por meio de uma amostragem complexa de variáveis descritas em blocos, estudantes e escolas sorteadas, participantes do PeNSE e inquéritos pré-realizados pelo estudo, chegou-se a uma amostragem de 102.301 respostas válidas para o estudo.	No estudo, diversas variáveis com amostragens por razão de probabilidade, margem de erro, razão de verossimilhança, dentre outras utilizadas bem descritas no estudo. Tornou-se notório e bem descrito, que o desconhecimento sobre a campanha de vacinação contra o HPV entre os adolescentes avaliados, foram associados a características particulares entre o contexto das escolas, a unidade de federação pesquisada e as características individuais e familiares de cada adolescente foram diretamente proporcionais. Sendo assim, é enfatizado de forma rigorosa a necessidade de endossar a promoção em saúde voltada aos jovens em maior vulnerabilidade social.
3	OLIVEIRA, M.S.F. <i>et al.</i> (2020)	Estudo transversal	Foi aplicado um questionário para adolescentes de 10 a 19 anos cobertos por uma Unidade Básica de saúde	O estudo demonstrou que a taxa de não vacinados era mais prevalente no sexo masculino sendo de 85,9%, e o sexo feminino de 45,9%. Outra

			em Cruzeiro do Sul no Acre com 27 quesitos que abordavam o conhecimento sobre o HPV, a vacina, as barreiras à vacinação, a aceitabilidade da vacina e a história pessoal relacionada à infecção pelo HPV que possuíam 3 respostas possíveis: “sim”, “não”, “não tenho certeza”.	evidência é que aqueles de menor idade representavam maioria dos vacinados, sendo a média de idade dos vacinados de 13,71 anos, e a de não vacinados de 14,5 anos. 63,7% reconheciam o HPV como causa de câncer cervical, 77,9% sabiam que a vacina está incluída no PNI de meninas. As escolas representam a principal fonte de informação acerca do tema (51,6%) e em segundo lugar os profissionais de saúde (22,6%).
4	MOURA, L.L.; CODEÇO, C.T.; LUZ, P.M. (2021)	Estudo de coorte	Calculou-se a cobertura da vacina contra o HPV em 3 cortes etárias de meninas residentes no Brasil em 2017. Os dados de vacinação foram obtidos através do Sistema de Avaliação do Programa de Imunizações (API) que determina a taxa de vacinação como baixa se < 80% e adequada se $\geq 80\%$ . Nesse estudo levou-se em consideração aspectos sociodemográficos com base no censo do IBGE de 2010.	A porcentagem de microrregiões que alcançaram taxa satisfatória na primeira dose foi significativamente maior que na segunda dose. Destaca-se que a Região Norte e o Distrito Federal apresentaram taxas inadequadas. Foi observado também que as coortes mais jovens tiveram mais chance de alcançar a meta da primeira dose que as mais velhas, e o inverso foi observado na segunda dose. Além disso, microrregiões com maior população urbana apresentaram menores taxas de vacinação adequada.
5	GALVÃO, M.P.S.P.; ARAÚJO, T.M.E.; ROCHA, S.S. (2022)	Estudo transversal	Esse estudo foi desenvolvido por meio de um inquérito de conhecimento, atitude e prática (CAP), realizado com adolescentes de 15 anos matriculados em escolas públicas que possuíam turma de ensino médio em Teresina, no Piauí. Ao todo foram avaliadas 12 escolas, determinadas por sorteio em cada área geográfica e 472 alunos. O questionário aplicado abordava características sociodemográficas (sexo e raça/cor) e econômicas e avaliação do conhecimento, atitude e prática, excluindo-se o ponto de vista sociodemográficos os quesitos contavam com 3	A porcentagem de adolescentes que possuíam conhecimento inadequado acerca do HPV totalizou 72,7%, entretanto 74,6% estavam vacinados. O sexo feminino apresenta maior taxa de vacinação sendo de 92,7%, já o masculino 46,5%. Segundo o estudo não houve diferença na taxa de vacinação entre pessoas de raças diferentes. Já em relação à posse de bens, aqueles com menor posse tiveram melhor taxa de vacinação (77,1%). O conhecimento suficiente aumenta 2,09 vezes a chance de vacinação, já a atitude positiva aumenta 1,89 vezes.

			categorias de respostas: discordo totalmente e não concordo), nem discordo nem concordo e concordo (concordo e concordo fortemente).	
6	LUVISARO, B.M.O. <i>et al.</i> (2022)	Estudo epidemiológico	Trata-se de um estudo epidemiológico, ecológico, no qual foram realizadas análises de painel e de tendências. Nesse estudo foram incluídas pessoas de 9 a 13 anos vacinados no estado de Minas Gerais. Os dados da pesquisa foram extraídos do Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI), da plataforma do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil e dados fornecidos pela Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública.	A maior proporção ocorreu com a faixa etária de 9 anos, já a menor com a faixa de 13. Todas as regiões estudadas apresentaram taxas abaixo do esperado para cobertura da 2ª dose. A única faixa etária que se demonstrou em crescimento na adesão à vacina foi a de 9 anos, as demais se mostraram diminuindo. O ano de 2020 demonstrou menor taxa de cobertura vacinal. Taxa de vacinação com a primeira dose, IDH e taxa de violência interferiram significativamente ( $p$ -valor<0,005) na adesão a segunda dose da vacina.
7	FERREIRA, H.L.O.C. <i>et al.</i> (2022)	Ensaio clínico randomizado	Nesse estudo houve a comparação entre dois grupos um com intervenção educativa (GI) e outro com intervenção padrão denominada controle (GC). Os locais de estudo foram seis escolas de ensino fundamental de dois municípios no estado do Ceará. O grupo de estudo foram adolescentes do sexo feminino de 9 a 14 anos regularmente matriculada nas escolas que receberam a vacina quadrivalente contra o HPV. A pesquisa foi dividida em 7 sessões: 1. Dados pessoais; 2. Aspectos sociodemográficos, econômicos e culturais; 3. Hábitos e cuidados com a saúde; 4. Aspectos sexuais e reprodutivos; 5. Conhecimento sobre o HPV e sua vacinação; 6. Atitude em relação à vacina quadrivalente contra o HPV; 7. Prática	O estudo demonstrou que o conhecimento de ambos os grupos era inadequado sendo 60% no grupo controle e 78,8% no grupo de intervenção. GC apresentou maior percentual de conhecimento e atitude inadequados após a intervenção, quando comparado ao GI. Conhecimento e atitude adequados estão associados à adesão dos adolescentes à vacinação contra o HPV. Adolescentes com 12 anos ou mais têm aproximadamente duas vezes mais chances de adesão à vacina quadrivalente contra o HPV do que os menores de 12 anos. Adolescentes com conhecimento adequado têm 2,5 vezes mais chances de aderir à vacina, já aqueles com atitude pós-intervenção adequada têm 5,5 vezes mais chances de serem vacinados.

			sobre vacina quadrivalente contra o HPV (preenchida exclusivamente pelo pesquisador). Foram divididas em pré e pós teste, sendo os pós teste avaliado após intervenção padrão ou intervenção educativa.	
8	SANTOS, A.C.S. <i>et al.</i> (2020)	Estudo transversal	Foram realizadas entrevistas em Ouro Preto, Minas Gerais com adolescentes de entre 11 e 13 anos e suas mães ou responsáveis, que foram visitadas em suas residências nas áreas urbana e rural ou convidadas a comparecer às Unidades Básicas de Saúde mais próximas, ou ainda nas escolas. O questionário das adolescentes era diferente do destinado à suas mães. Sendo compostos por questões de múltipla escolha e abertas que abordavam: dados sociodemográficos, história sexual e ginecológica, bem como conhecimento sobre o HPV, vacina contra o HPV e câncer de colo de útero.	O estudo demonstrou que quando questionadas sobre o conceito da vacina 71,5% das filhas e 79,95% das mães citaram corretamente seu caráter profilático. 49,5% das adolescentes sabiam da necessidade de duas doses da vacina, no entanto apenas 11,6% sabiam do intervalo correto entre as doses. Apenas 39,2% das mães sabiam informar a faixa etária da população alvo. 22,4% das adolescentes apontaram a escola como fonte de informação. Já os profissionais da saúde foram pouco citados, 12% das adolescentes e 16,5% das mães. Apenas 14,7% das adolescentes identificaram o HPV como IST. 2,1% das adolescentes e 9% das mães sabiam da correlação entre HPV e câncer cervical. Foram elencados fatores que influenciavam no baixo conhecimento das adolescentes: idade de 11 e 12 anos, renda familiar menor ou igual a US\$ 750 por mês. O estudo não evidenciou nenhuma associação entre o conhecimento das adolescentes e das mães/responsáveis.
9	GOMES, J.M. <i>et al.</i> (2020)	Estudo transversal	Foi aplicado um questionário a adolescentes de 10 a 19 anos atendidos em uma clínica pública na cidade de São Paulo, foram incluídos também os responsáveis que os acompanhavam. A pesquisa foi composta por fatores sociodemográficos (sexo, estado civil, número de filhos, situação profissional, renda familiar mensal, escolaridade) e continha 24 questões que	O estudo demonstrou que a principal fonte de informação sobre o HPV entre os adolescentes foi a escola, 39%, seguido de TV/rádio com 38%. Já os responsáveis 55% afirmaram obter informações através de profissionais de saúde. 59% dos pais sabiam que a vacina contra o HPV faz parte da carteira de vacinação de meninas. Apenas 28,3% dos adolescentes sabiam que a vacina pode ser aplicada após o início da vida sexual. Ambos os grupos atingiram o nível satisfatório de mais de 60%

			<p>mensuravam: 1- conhecimento sobre o HPV e suas repercussões clínicas; 2- conhecimento sobre a vacina contra o HPV; 3- barreiras à vacinação contra o HPV; e 4- Aceitabilidade da vacina contra o HPV. As opções de resposta eram “sim”, “não” e “não tenho certeza”. Um nível de conhecimento "adequado" foi definido como uma pontuação <math>\geq 60\%</math></p>	<p>de acertos em relação às questões de barreiras e aceitabilidade. Meninas do grupo de adolescentes sabiam mais sobre o HPV do que os meninos. Aqueles vacinados tiveram mais acertos do que os não vacinados. Família teve um papel mínimo como fonte de informação para esses adolescentes.</p>
10	GATTEGNO, M.V. <i>et al.</i> (2019)	Estudo transversal	<p>Foi realizado um questionário com pais e responsáveis de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos atendidas em postos de saúde em Mauá, no estado de São Paulo. Os pais foram divididos em dois grupos, aqueles que tinham filhos que faziam parte do público-alvo e aqueles que os filhos não estavam no público-alvo. O instrumento incluiu cinco seções principais: dados demográficos, conhecimento sobre o HPV e a vacina contra o HPV, percepção da segurança/eficácia da vacina e populações excluídas.</p>	<p>O estudo evidenciou que 62% dos pais indicaram ser responsável pelas decisões relacionadas à saúde dos filhos na casa. 86% dos pais expressaram que não hesitaram em relação à vacina contra o HPV. Mais de 96% dos pais concordam com a importância da vacinação. 71,4% dos pais entendiam que tanto o sexo feminino quanto o masculino deveriam ser vacinados.</p>
11	CURY, A.F. <i>et al.</i> (2020)	Amostragem por conglomerados.	<p>Foi realizado um estudo utilizando como base a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (2015), envolvendo 5.404 adolescentes. Por meio deste, foi realizado um questionário para coleta de informações sobre características demográficas, comportamento sexual, percepção do adolescente sobre a supervisão dos pais e se foram ou não vacinados contra a HPV. Foram analisadas adolescentes de 9 a 13 anos que adentram na política pública de vacinação, bem</p>	<p>Foi relatado que a vacina contra o HPV teve uma cobertura de 83.5% nas adolescentes elegíveis à política pública de vacinação; e de 21,8% nas adolescentes que não são. O estudo torna notório que, ao passar da idade, as chances de ser vacinado diminuíam proporcionalmente, bem como existiu uma associação entre a maior chance de ser vacinada dentro do grupo étnico “parda”, delimitada pelo estudo, mas não de outras características, como classe socioeconômica. No entanto, nas adolescentes não elegíveis à política pública de vacinação, existiu uma alta correlação entre a educação familiar e a cobertura vacinal.</p>

			como as adolescentes de 14 a 17 anos, que não são mais elegíveis à política pública de vacinação pelo Ministério da Saúde.	
12	DUARTE, F.G. <i>et al.</i> (2018)	Estudo transversal	Conduziu-se um estudo em 7 cidades brasileiras de diferentes estados, incluindo as cinco regiões. As entrevistas foram realizadas através de ligação telefônica de julho de 2015 até outubro de 2016. Foi estimado um tamanho de amostragem de grupo de 801 participantes, estes foram selecionados de uma amostra aleatória de dígitos, os pais dos domicílios com filhos de 18 anos ou menores de idade foram convidados a participar do estudo. Quando este não estava, uma consulta de acompanhamento subsequente era agendada. Até 10 ligações foram feitas de números ocupados, secretárias eletrônicas ou respostas repetidas.	A pesquisa teve sucesso de conclusão em 826 dos 2.324 pais elegíveis ao estudo, uma amostragem de 35,5% do valor total. A aceitação de vacinação dos pais para filhos e filhas com 18 ou menores de idade foi de 92 e 86% respectivamente. No entanto, aqueles que se negaram a vacinação eram menos informados quanto aos efeitos adversos da vacina, valores benéficos pré início de vida sexual e transmissibilidade da doença; assim como aqueles que aceitaram a vacinação para filhas e não filhos, tenderam a ignorar a recomendação para o sexo masculino. Sendo assim, foram pontuados fatores associados à aceitação vacinal como: crença nas vacinas, eficácia da vacina, confiança no programa nacional de imunização e etc.
13	SANTOS, A.S. <i>et al.</i> (2019)	Estudo analítico-comparativo	Por meio de intervenções aleatórias e aplicadas no Programa Saúde na Escola em escolas municipais vinculadas à ESF, comparou-se duas tecnologias educacionais por meio do grupo de intervenção e do grupo controle. Sendo assim, nas 18 escolas que aceitaram participar da pesquisa, foi solicitado fazê-la em adolescentes de 9 a 13 anos de idade. Critérios de inclusão ao estudo: escolas com a quantidade de 100 a 200 adolescentes estudantes, totalizando assim, 8 escolas com uma amostragem de 1.179 alunos elegíveis à pesquisa. Por meio do <i>Research Randomizer</i>	Foram realizadas pesquisas nos grupos controle (GC) e intervenção (GI) com 151 e 171 adolescentes respectivamente. No grupo de intervenção, foi utilizado a Tecnologia Educacional de Enfermagem, benefícios da vacinação contra o mesmo. No grupo controle, foi utilizado a Tecnologia Educacional do Ministério da Saúde que se utilizava de folders, blogs, cartazes e <i>web posters</i> . Após as atividades, foram realizados questionários padrões para ambos os grupos acerca do conhecimento do tema, desta maneira, tornou-se notório que, em alguns pontos questionados, a Tecnologia Educacional de Enfermagem foi superior, enquanto em outros, não foi notória alguma diferença entre eles.

			foram divididos os alunos entre grupo controle e de intervenção.	
14	FARIAS, C.C. et al. (2016)	Estudo transversal	Foi aplicado um questionário com pais ou responsáveis de meninas pré-adolescentes (entre 12 e 14 anos em 2015) alunas do ensino fundamental da capital Boa Vista. O questionário foi dividido em quatro seções, a primeira abordando dados socioeconômicos e demográficos, a segunda abordava a conformidade com a vacinação contra o HPV e suas circunstâncias. A terceira consistiu em 10 perguntas que avaliaram o conhecimento dos pais / responsáveis sobre o HPV, o câncer do colo do útero e a vacina contra o HPV. A quarta e última seção foi composta por 8 declarações assertivas que avaliaram a percepção dos pais sobre a vacina contra o HPV.	O respondente mais frequente foi a mãe do aluno (77,2%), 41% dos responsáveis possuíam ensino médio completo. A taxa de não adesão a vacinação foi de 17,3%, os motivos destacados para não adesão foram: preocupação com os efeitos colaterais (14,8%), esquecimento (11,8%), falta de tempo devido à vida corrida (7,4%) e falta de conhecimento sobre a vacina (7,4%). As informações com menores taxas de acertos foram que a infecção pelo HPV geralmente é assintomática (23,5%), a idade recomendada para vacinação (12,2%). Alunos de escola particular tiveram menor adesão à vacina, sendo a taxa de não adesão de 43,7%, e a taxa da escola pública de 15,9%. Responder corretamente a menos de 50% das questões relacionadas ao conhecimento aumentou a probabilidade de não adesão à vacinação em 60%. entrevistados preocupados com os efeitos adversos da vacina apresentaram uma taxa 60% maior de não vacinação. Aqueles preocupados com a qualidade da vacina oferecida gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde do Brasil também apresentaram uma chance 80% maior de não vacinação. O conhecimento de que a infecção pelo HPV é comum permaneceu como fator de proteção ( OR ajustado = 0,52; IC 95%: 0,33 a 0,81) e a crença de que a vacina é importante para a saúde do aluno reduziram a chance de não adesão em aproximadamente 40%.
15	TANAKA, E.Z. et al. (2019)	Estudo quantitativo descritivo	Foi aplicado um questionário num ambulatório de ginecologia e obstetrícia de um Hospital Universitário em Campinas, SP. A população estudada eram adolescentes gestantes	O estudo evidenciou que 65% das entrevistadas não sabiam que o HPV está relacionado com o câncer cervical, apenas 31% identificavam o HPV como doença sexualmente transmissível, 55% não haviam tomado a vacina contra o HPV. 50% afirmaram que o

			com idade inferior ou igual a 18 anos e 11 meses. Consistiam em 36 perguntas que abordavam identificação, situação socioeconômica e ginecológica e conhecimentos acerca do HPV e vacinação.	conhecimento que tinham sobre o HPV tinha sido obtido na escola, em segundo lugar com 22% das respostas os centros de saúde.
--	--	--	---	--

**Fonte:** Dados da Pesquisa, 2023.

## DISCUSSÃO

A vacina contra o HPV foi introduzida mundialmente há mais de dez anos, entretanto, muitos países ainda encontram barreiras para manter as taxas de cobertura vacinal nos níveis recomendados (LUVISARO *et al.*, 2022). No Brasil, o Ministério da Saúde estima que a taxa adequada de vacinação deve alcançar 80% da população alvo, entretanto fatores como idade, sexo, situação socioeconômica e conhecimento acerca do vírus e da vacina se mostram obstáculos diante da vacinação (LUVISARO *et al.*, 2022).

O nível de conhecimento acerca do vírus está intimamente ligado à taxa de vacinação, uma vez que estudos apontam que o fato de não saber que a vacina está inserida no calendário vacinal foi um motivo relevante na não adesão (SILVA *et al.*, 2022; OLIVEIRA *et al.*, 2020). Diante disso, alguns fatores estão diretamente relacionados ao baixo nível de conhecimento, como o sexo masculino, pessoas pretas, faixa etária de 15 a 17 anos, sem acesso à internet, não morar com os pais e uso de drogas apresentavam maior desconhecimento sobre a campanha de vacinação (SANTOS *et al.*, 2021).

Somado ao que foi dito anteriormente, vários estudos também evidenciaram que aqueles que possuíam maior conhecimento geral acerca do vírus, como identificá-lo como causador de câncer cervical ou reconhecê-lo como infecção sexualmente transmissível, apresentavam maior chance de se vacinarem (OLIVEIRA *et al.*, 2020; GALVÃO; ARAÚJO; ROCHA, 2022; FERREIRA *et al.*, 2022; GOMES *et al.*, 2020; FARIAS *et al.*, 2016).

O único estudo que divergiu quanto à relação entre conhecimento e aumento da taxa de adesão foi o de Santos *et al.* (2020), destacando que tanto as adolescentes que completaram o esquema vacinal quanto as que não completaram apresentavam possuíam baixo nível de conhecimento acerca da infecção. Diante do que foi dito, outro ponto a se destacar é a fonte de informação acerca do HPV e sua vacinação. A escola foi citada como fonte de informação com grande relevância, superando serviços de saúde e família (OLIVEIRA *et al.*, 2020; SANTOS *et al.*, 2020; GOMES *et al.*, 2020; TANAKA *et al.*, 2019).

Dessa forma, com o intuito de validar o fato de que o conhecimento acerca do assunto é determinante no quesito adesão à vacinação, Ferreira *et al.* (2022), delimitaram dois grupos, sendo

um controle e outro que recebeu intervenção educativa na escola através de cartões impressos com informações acerca do HPV e adesão à vacina por 2 meses, tendo o grupo que participou da intervenção apresentado ao fim prática positiva em maior taxa que o grupo controle.

No que diz respeito a atitude, aquela que foi considerada positiva demonstrava que o participante reconhecia a importância da vacina e concordava com sua aplicação, esses que se posicionavam dessa forma possuíam mais chances de aderir a vacinação (FERREIRA *et al.*, 2022; GALVÃO; ARAÚJO; ROCHA, 2022). Ainda sobre a atitude, Farias *et al.* (2016) afirmaram que a crença de que a vacina é importante para a saúde do aluno reduziram a chance de não adesão em aproximadamente 40%.

No que tange os fatores socioeconômicos e demográficos, observou-se que a região norte obteve as menores taxas de vacinação (SILVA *et al.*, 2022; MOURA; CODEÇO; LUZ, 2021). Outro ponto que se destacou, segundo Santos *et al.* (2021), está relacionado a desigualdade de renda, sendo diretamente relacionado com a baixa adesão à vacina. As microrregiões com maior população urbana apresentam menores taxas de vacinação adequada (MOURA; CODEÇO; LUZ, 2021).

Lusivaró *et al.* (2022), identificaram que o IDH baixo e a alta taxa de violência interferiram significativamente na baixa adesão à segunda dose da vacina. Somado a isso, o menor conhecimento acerca do HPV foi associado a renda familiar menor ou igual a US\$750 por mês (SANTOS *et al.*, 2020). Entretanto, pessoas do grupo étnico “parda” apresentaram maior chance de serem vacinadas (CURY *et al.*, 2020).

Para tanto, a idade torna-se fator determinante, tanto para o aumento na prevalência de vacinados, quanto para o aumento na adesão de vacinação (LUVISARO *et al.*, 2022; OLIVEIRA *et al.*, 2020; CODEÇO; LUZ 2021; CURY *et al.*, 2020), foi demonstrado que, adolescentes crianças e adolescentes com a faixa etária entre 9 e 13 anos obtiveram uma maior adesão à vacinação, tanto na 1ª dose quanto na 2ª quando comparados àqueles maiores de 14 anos ou os que atingiram maioridade. Entretanto, foi relatado (FERREIRA *et al.*, 2022) que os jovens maiores de 12 anos tiveram uma porcentagem maior de adesão à vacina quadrivalente do HPV, aproximadamente 2 vezes mais quando comparado com aqueles menores de 12 anos de idade. Duarte *et al.* (2018) identificaram em seu estudo que os pais aceitaram mais facilmente vacinar adolescentes de 18 anos do que menores de idade.

Os estudos revelam, com unanimidade, que o sexo feminino se mostrou superior em relação à vacinação em si (SILVA *et al.*, 2022; GALVÃO *et al.*, 2022) tendo uma margem superior em aproximadamente 25% sobre o sexo masculino; quanto na proporção de não vacinados contra o HPV (OLIVEIRA *et al.*, 2020) mostrando que a porcentagem de não vacinados do sexo masculino era de 85,9% contra 45,9% do sexo feminino.

Em correlação parental, o estudo de Gattegno *et al.*, (2019) identificou que era de conhecimento da maioria dos pais que tanto do sexo masculino quanto do feminino a imunização

contra o HPV. O estudo de Duarte *et al.* (2018) ressaltou que os pais que vacinaram filhas, ignoravam a recomendação para o sexo masculino por falta de conhecimento acerca da vitalidade da vacinação contra diversos efeitos. Apesar de ser relatado nos estudos como uma porcentagem menor no que se refere à não vacinação, o medo da reação da vacina ainda se torna relevante, visto que pode ser facilmente corrigido por meio de métodos informativos (FERREIRA *et al.*, 2022)

No estudo publicado por Silva *et al.*, (2022), foi validado que, dos que não se vacinaram, em torno de 7% destes tiveram medo da reação da vacina, de forma corroborativa no estudo desenvolvido por Farias *et al.*, (2016) uma porcentagem duas vezes maior foi descrita - ressalta-se que uma amostragem em quantidade diferente e métodos de análises diferentes; mesmo sendo uma pequena parte daqueles que não se vacinaram, ainda deve ser trazido à atenção que podem ser convencidos de forma informacional.

Atestando a afirmativa, estudos descrevem (FERREIRA *et al.*, 2022; GALVÃO, 2022) que o conhecimento suficiente de jovens e adolescentes aumenta, em média, em 2 a 3 vezes as chances de aderir a vacina. Deve-se levar em conta, a qualidade de informação e a via que vai chegar à população de interesse. As escolas, sejam elas públicas ou privadas, são a principal fonte de informação direta com os adolescentes segundo o estudo de Silva *et al.* (2022).

De forma demonstrativa, na pesquisa proposta por Farias *et al.* (2016), foi descrito que os alunos de instituições públicas tiveram uma menor taxa de não vacinação, afirmativa corroborada, também, por Cury *et al.* (2020), demonstrando, por conseguinte, que alunos não elegíveis a política pública de vacinação, o caminho da vacinação e adesão da mesma, ficava por conta da educação familiar oferecida ao adolescente.

Dessa forma, torna-se notória a necessidade contínua de programas como o Saúde na Escola e, juntamente, pesquisas como o PeNse (2015) realizado pelo governo por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para contínua avaliação da atuação ativa das campanhas vacinais, sejam elas realizadas pelo meio necessário (SANTOS *et al.*, 2019)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos demonstraram que os fatores demográficos, como a escolaridade, gestão de instituição, nível de ensino dos pais e fatores socioeconômicos podem influenciar diretamente na não adesão a vacinação do grupo alvo de uma população, que, neste estudo, são os adolescentes. Sendo assim, torna-se notório que o esforço para vencer as barreiras supracitadas são de suma importância, não só do governo, mas da população como um todo.

Neste estudo, entendeu-se que, existem muitos pontos a serem descritos como influenciadores positivos ou negativos no que diz respeito a vacinação pelo HPV, porém, os grandes fatores notórios a relevância de vacinação ou não de adolescentes foram os de

entendimento parental, sobre a vacinação e a importância da mesma, nível de escolaridade, confiabilidade no PNI e conhecimento do que é de fato a vacina.

Outros pontos a serem destacados foram o meio de comunicação pelo qual os pais ou adolescentes foram informados sobre a vacinação e os benefícios desta, neste estudo foi demonstrado que, a maior porcentagem do meio de comunicação que chegou até os pais foi da escola; dessa maneira, reforça-se o quão importante o Programa Saúde na Escola se torna importante nesse âmbito.

A idade também entrou como ponto chave na prevalência dos vacinados e não vacinados, sendo uma relação inversamente proporcional, com o passar dos anos os estudos relataram que as chances se tornavam cada vez menores de vacinação, independente de um contexto socioeconômico., bem como a relação entre pais e filhos, estudos demonstraram que os pais eram responsáveis pelas decisões de questões de saúde dos filhos, tornando desta forma, um grande fator a ser ponderado. Caso os pais não possuíssem o conhecimento necessário para tomar uma decisão favorável à vacinação, a mesma não iria acontecer como demonstrado nesta pesquisa.

As limitações do estudo estão relacionadas, de certa forma, à estratégia de coleta de dados, uma vez que diversas amostragens não tiveram equilíbrio de variáveis como sexo e idade. Outro impasse a se destacar são aqueles estudos que deram destaque às respostas dos pais em detrimento das do público-alvo da vacina. No entanto, neste estudo, existiu uma variedade de formas de análise, bem como tipos de coleta de dados, trazendo assim, diversidade de meios para chegar a uma conclusão em comum; vitalmente, programas e políticas nacionais de saúde para vacinação são o grande caminho para seguir em uma crescente na prevalência de imunização dos grandes beneficiados por isso tudo, a população.

Por fim, sugerem-se novos estudos, no que se refere à estratégias de promoção à saúde, determinar quais delas se mostram mais eficazes para aumentar a taxa de adesão à vacina, e sobretudo a continuidade do programa de vacinação. Delimitar quais métodos conseguem alcançar melhor à população-alvo sejam eles por meios online, redes sociais, rádios, televisão, posters, incentivos na escola como grande instituição contribuinte para esse fito. Diante disso, a capacitação profissional se mostra indispensável no que diz respeito à educação em saúde, o tema deve ser trazido à tona sempre aos olhos de todos aqueles que ocupam algum espaço na atenção básica, pois, apesar de muitas vezes ser passado despercebida, a informação e orientação pode salvar a vida de uma pessoa no futuro.

## REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. HPV. Brasília, 2021.

COLPANI, V. *et al.* Prevalência do papilomavírus humano (HPV) no Brasil: uma revisão sistemática e metanálise. **Plos One**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7034815/>. Acesso em: 7 out. 2022

CURY, A.F. *et al.* Taxas de cobertura vacinal e preditores de vacinação contra o HPV entre adolescentes elegíveis e não elegíveis no programa público brasileiro de vacinação contra o HPV. **BMC Saúde Pública**, [s. l.], v. 20, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7137475/>. Acesso em: 7 out. 2022.

DUARTE, W *et al.* Baixa cobertura da vacinação contra o HPV no programa nacional de imunização no Brasil: recusa da vacina pelos pais ou barreiras na administração da vacina nos serviços de saúde? **Plos One**, Brasil, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30418980/>. Acesso em: 17 de nov. 2022

FAISAL-CURY, A *et al.* Taxas de cobertura vacinal e preditores de vacinação contra o HPV entre adolescentes elegíveis e não elegíveis no programa público brasileiro de vacinação contra o HPV. **BMC Saúde Pública**, [s. l.] 2020. Disponível em: <https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-020-08561-4>. Acesso em: 2 nov. 2022.

FERREIRA, H.L.O.C. *et al.* Efeito da intervenção educativa para a adesão de adolescentes escolares à vacina contra o vírus do papiloma humano. **Rev. esc. enferm. USP.**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reesp/a/GmhwHYntkpcM3DZTpwk8GhD/?lang=en>. Acesso em: 7 out. 2022.

GALVÃO, M.P.S.P.; ARAÚJO, T.M.E.; ROCHA, S.S. Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes sobre o papilomavírus humano. **Rev Saude Publica**, [s. l.], v. 56, 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8963747/>. Acesso em: 21 out. 2022.

GATTEGNO, M.V. *et al.* Uma pesquisa transversal das atitudes dos pais em relação às categorias de exclusão da vacinação contra o papilomavírus humano no Brasil. **Direitos humanos da BMC Int Health**, [s. l.], v. 19, 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6394080/>. Acesso em: 21 out. 2022.

GOMES, J.M. *et al.* Papilomavírus humano (HPV) e vacina quadrivalente contra o HPV entre adolescentes e pais brasileiros: fatores associados e divergências no conhecimento e aceitação. **Plos One**, Brasil, v. 15, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7660498/>. Acesso em: 2 nov. 2022.

SANTOS, A.C.S. *et al.* Conhecimento sobre câncer de colo uterino e taxa de abandono da imunização contra o HPV entre adolescentes brasileiras e seus responsáveis. **BMC Saúde Pública**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7060582/>. Acesso em: 21 out. 2022.

TEIXEIRA, J.C. *et al.* Vacinação contra o HPV em base escolar: Os desafios de uma iniciativa brasileira. **Rev Bras Ginecol Obstet**, [s. l.], v. 43, 2021. Disponível em: <https://www.thieme-connect.com/products/ejournals/html/10.1055/s-0041-1740279#info>. Acesso em: 2 nov. 2022.